

Queer Designers: Experimentações não-conformativas na geração de uma rede dissidente

Aura Celeste Santana Cunha (UFC, Brasil)
aura@daud.ufc.br

Lucas Mota Borges (UFC, Brasil)
lucasmvv@gmail.com

Queer designers: Experimentações não-conformativas na geração de uma rede dissidente

Resumo: Este estudo apresenta o processo de formação de uma rede de designers dissidentes em gênero e sexualidade, a fim de experimentar e de-linear práticas contra-normativas no design. Foram realizadas oficinas com grupo focal em que discursos e saberes de sujeitos dissidentes em gênero e sexualidade apoiassem o projeto. Enquanto escrita, a argumentação crítica de teoria *queer* e história do design foram somadas a outras reflexões evocadas pelos participantes do grupo formado, o que apoia este texto enquanto um fluxo de pensamento coletivo de caráter político e de descrição de um processo experimental. Sobretudo, foram apontadas formas de provocar debates e instigar produção subjetiva no campo do design, levando em consideração as questões que envolvem corpos não-conformativos. Busca-se, até o momento de publicação deste trabalho, uma continuidade das estratégias experimentadas para apoiar um processo aberto e não estático de pensar e fazer design voltado para o *queer*.

Palavras-chave: Design *queer*, Design antropológico, Oficinas de design

Queer designers: A non-conforming approach to generate a design network

Abstract: *This study aims to create a network of queer designers with the purpose of experimenting methods set out to challenge normative design biases about gender and sexuality. Queer-only design workshops were conducted with the goal of bringing together designers to discuss alternative strategies to strengthen the knowledge base within the gender non-conforming creative community. The research method sought to establish strategies that could account for queering design practices plus proposing non-binary ways to confront power/knowledge design structures. The results include an in-depth critical essay based on queer theory and design history and other thoughts evoked by the group members. The aim is to continue the counter-normative strategies experimented with, in order to support an open and dynamic process of designing thinking. In conclusion, this study points out ways to provoke debates and stimulate subjective production in the design field by LGBTQIA+ non-normative bodies.*

Keywords: *Queer designers, Design Anthropology, Design workshops.*

1. Introdução

Este artigo emerge de uma série de inquietações e experimentos realizados por alunes dissidentes em gênero e sexualidade durante a graduação em Design na Universidade Federal do Ceará. Em específico, apoiam-se aqui, como uma forma própria de fazer pesquisa, uma exploração de meios teóricos e práticos, para além de relatos individuais e coletivos de vivências em oficinas destinadas a designers LGBTQIA+. Os encontros, que tiveram o objetivo de constituir um espaço seguro para a partilha, surgiram do interesse de unir corpos para potencializar a criatividade e do objetivo principal de germinar uma rede de criativos não conformativos.

O termo *queer* tem origem na língua inglesa e abrange os significados de estranho, desviado, anormal ou esquisito para designar indivíduos de gêneros e sexualidades consideradas como desviantes em relação à norma cisheterossexual. *Queer*, nesse sentido, pode ser compreendido como um termo “guarda chuva” para os indivíduos que se percebem na sigla LGBTQIA+. Entretanto, nesta pesquisa, o termo “corpo *queer*” irá se referir diretamente a sujeitos trans, não binários, travestis, bichas e sapatões, ao passo que essas denominações, como indica Guilherme Altmayer (2021), configura um posicionamento engajado para confrontar o insulto, sob uma significação política e histórica. O pensamento de Guacira Lopes Louro, em seu livro *Um corpo Estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*, publicado originalmente em 2004, sugere que o *queer* é o sujeito da sexualidade desviante que não deseja ser integrado para além de que é “um jeito de pensar e de ser que não aspira o centro e nem o quer como referência” (LOURO, 2004 p. 7).

Tendo isso em vista, nessa escrita, pretende-se compreender como design e teoria *queer* podem conversar para buscar práticas e estratégias contra-normativas. Esse interesse se dá, essencialmente, a partir de um entendimento que o design, ao longo de sua história moderna, constituiu modos para tangibilizar códigos de acordo com os interesses de grupos dominantes (FORTY, 2007). Compreende-se, entretanto, que esses modos normatizantes se sedimentaram enquanto bases “essenciais” para o ensino de design, ou seja, nesse sentido, merecem ser problematizadas as estruturas de saber/fazer por uma perspectiva alinhada ao *queer* (PORTINARI, 2017). É a partir dessa linha de pensamento que são buscadas formas de *queerizar* o design (PORTINARI, 2017), ao passo que tal conduta se configura como uma prática que problematiza a normatividade; para além de potencializar os modos de vida de sujeitos que escapam e, conseqüentemente, buscam sobreviver frente às amarras do poder em gênero e sexualidade (FOUCAULT, 1976). Portanto, é necessário, para atingir tal conduta, se distanciar de uma prática projetual de design que prioriza determinados aspectos modernos, para se

aproximar de outras possíveis práticas que sensibilizem o fazer do design pela valorização das subjetividades de sujeitos dissidentes. Tendo em vista que o design ainda opera de acordo com os interesses relativos ao poder (FORTY, 2007), pretende-se explicitar que não existem modos “neutros” de se fazer design, pois, como indicado, o campo ainda funciona aos moldes do que se constitui como uma forma de poder essencialmente “moderna”. Almejamos, portanto, confrontar as bases do design ao instigar o olhar para corpos historicamente ignorados ao longo da evolução do campo. Em outras palavras, o que implica (re)pensar a prática do design a partir de saberes e proposições que partem de corpos dissidentes?

Apoiam a argumentação desta escrita as percepções individuais e coletivas que confrontam as limitações práticas do design para a solução de problemas em um mundo normatizado. Pretende-se, a partir de uma perspectiva teórico-crítica, lançar um olhar para mecanismos velados que motivam o design a reproduzir implicitamente separações, exclusões e marginalizações de corpos pressionados pela opressão cisheteronormativa posta. Há também um interesse, sobretudo, em explorar pontos que potencializam uma prática do design ligada ao *queer*, isto é, meios de corromper ou depravar - em um sentido de ressignificar a censura - o fazer do design a partir da troca de saberes com corpos dissidentes posicionados em vivências específicas no contexto da cidade.

2. Metodologia

Para fundamentar métodos que possam dar conta de uma *queerização* da prática de design é preciso agir de forma contra-normativa às suas estruturas de saber/fazer. *Design Anthropology* foi pensado como o meio que possibilita uma interdisciplinaridade da pesquisa em design ao instigar o olhar para a antropologia. Nessa perspectiva, é possível, enquanto abordagem metodológica, tirar de foco um design de processos normatizantes e direcionar o olhar para um design voltado à pluralidade. Zoy Anastassakis (2013) busca expandir essa concepção ao indicar que o design pode estabelecer uma sinergia de saberes com a antropologia, fortalecendo modos de produção do conhecimento voltados para a vida, agregando as pessoas e formulando meios sustentáveis voltados para os desejos e aspirações humanas. “Para isso, uma tal antropologia, operacionalizada através de processos de design, deve ser, sobretudo, experimental e improvisatória.” (ANASTASSAKIS, p. 182)

Ao instigar o olhar para a vida e, conseqüentemente, para os desejos do corpo, tal concepção de design se aproxima do propósito desestabilizador em práticas e pensamentos *queer*. As bases do *Design Anthropology* trazem à tona a subjetividade dos indivíduos que compõem o estudo, para além de

possibilitar uma interdisciplinarização da pesquisa. Expandir o pensamento e práticas *queer* é ter, enquanto possibilidade política de produção de pensamento, a não-normatização e o fluxo livre de contestações em relação aos saberes que ocupam um lugar sólido.

A forma de pesquisar é precisamente exploratória, pois se engaja com o lugar de interdisciplinaridade, além de extrapolar os limites e os modos específicos de trabalho e produção de conhecimento contemporâneo no design. A pretensão, enquanto pensamento *queer*, é de desestruturar e corromper ambientes consolidados e a forma como são percebidos. Paralelamente, sensibilizar o campo e suas práticas às questões *queer* envolve também, segundo Buchmüller (2016, apud DE OLIVEIRA; DE MEDEIROS), assimilar como potência processual modelos de trabalho mais participativos.

Em vista disso, se confronta os dispositivos de saber/poder em relação às suas práticas, métodos, materializações e discursos normativos, na medida em que algumas estratégias metodológicas se mesclam enquanto forma de produção científica. Para além da convencional revisão de literatura, é a partir de transcrições de relatos das rodas de conversa, fragmentos de pensamento anotados no diário do pesquisador e registros fotográficos dos exercícios e atividades criativas coletivas que essa forma de escrita possibilita um caminho próprio de fazer pesquisa, de alcançar práticas contra-normativas coletivamente e de potencializar o design como área do saber provocadora de debates e de produção subjetiva.

“Assim, a aproximação interdisciplinar cria um campo híbrido de produção de conhecimento que pretende desconstruir formas de fazer consolidadas, através de um engajamento exploratório para o desenvolvimento de novas estratégias e práticas que respondam aos desafios sociais contemporâneos.” (COSTARD; IBARRA; ANASTASSAKIS, 2016, p. 78)

A partir desse panorama metodológico, essa investigação é de abordagem qualitativa, pois relaciona as temáticas de diferentes áreas do conhecimento que se constroem ao longo de seu desenvolvimento com a participação coletiva de vários sujeitos, inclusive a do pesquisador. Por meio das oficinas de discussão e experimentação de práticas, são contempladas diversas formas de subjetivação, valorizando e sensibilizando o processo de pesquisa.

3. *Queerizando o design*

Em um primeiro momento, para tecer essa complexa discussão que envolve design e questões *queer*, invoco nos dois seguintes tópicos uma forte influência bibliográfica que acompanhou os estudos de um de seus pesquisadores ao longo de um projeto de TCC. Posteriormente, no último subtópico,

se tornam mais presentes outras fontes que complementam os argumentos que constituem este artigo - em especial, de pessoas que integraram os experimentos em oficinas - o que reforça a condição antropológica deste estudo em design.

3.1. A abordagem *queer* a partir da antropologia

O pensamento que estrutura a conotação *queer* é composto por diversos pontos de vista e por diferentes estudiosos acadêmicos em assuntos de gênero e sexualidade. A teoria *queer*, tendo isso em vista, é um campo no qual não se busca por verdades absolutas em relação aos assuntos abordados. As perspectivas vão envolver, quase na maior parte das vezes, um caráter interseccional que abrange recortes de raça, classes, culturas e localizações. O que há de comum, entretanto, é a problematização sistematizada daquilo que é posto como norma e poder em relação a dominância cisheterossexual dos modos de vida. Invoco, nesse sentido, Judith Butler (2010), Guacira Lopes Louro (2004) e Richard Miskolci (2012) para compor essa discussão e facilitar um entendimento do que essa teoria propõe.

Entender o que rege o pensamento e, conseqüentemente, as práticas *queer* exige, antes de qualquer coisa, reconhecer que tais propostas surgem daquilo que Miskolci (2012) vai colocar como um impulso crítico frente a uma ordem sexual, muito motivada por uma contracultura. Em outras palavras, a abordagem *queer* vai se configurar muito mais radical em relação à norma e ao poder do que o discurso que advoga pelas “minorias” sexuais, como nos movimentos homossexuais e lésbicos. Segundo Guacira Lopes Louro (2004), a visibilidade de “minorias”, no que se refere a noção de sexo e gênero, tem efeitos contraditórios nas sociedades, pois, ao passo que alguns grupos recebem positivamente a pluralidade sexual, os outros intensificam seus processos de violência invocando uma ordem “tradicional” e “familiar”. Nesse sentido, segundo a autora (2004), esse embate se intensifica à medida que as noções sobre sexo, gênero e sexualidade se multiplicam no globo pois, de um modo ou de outro, ainda existirão sujeitos os quais as noções de conformidade com as categorias não se darão encerradas ou fixas. Butler (2010), nesse sentido, vai problematizar diretamente as noções que delimitam um sujeito ser “homem” ou “mulher”, pois indica que tais categorias de gênero são “performativas” à medida em que são um conjunto de práticas de comportamento que refletem em uma identidade. Ou seja, Butler (2010), nessa primeira linha de pensamento, se aproxima e amplia o pensamento feminista na medida em que indica que gênero e sexo não são só descolados um do outro, mas que ambas categorias são frutos de “verdades” construídas discursivamente.

A teoria *queer* constitui-se menos numa questão de explicar a repressão ou a expressão de uma minoria homossexual do que numa análise da figura hetero/homossexual como um regime de poder/saber que molda a ordenação dos desejos, dos comportamentos e das instituições sociais, das relações sociais - numa palavra, a constituição do *self* e da sociedade. (LOURO, 2004, p. 46, *apud* SEIDMAN, 1995, p. 128).

Pensamentos como esses são marcadores que indicam pontos importantes de uma problematização que eventualmente vai delimitar as noções de uma “heterossexualidade compulsória” a partir da reflexão de Butler (2010) sobre os sujeitos das discussões feministas serem “as mulheres”. Tais pressupostos são pontos que Butler (2010) irá discorrer para “desnaturalizar” o olhar de que o sujeito “mulher” pode ser compreendido em termos estáticos e essenciais, ou que sexo, gênero e sexualidade devem ser assimilados de forma coerente. É a partir dessa abordagem que as potencializações discursivas e analíticas da teoria *queer* tomam maior força pois, em linhas gerais, as discussões vão culminar em um pensamento mais radical frente o entendimento que as divisões categóricas sobre identidades de gênero são, em essência, construções sociais. Michel Foucault (1976) toma protagonismo ao expor as estruturas e os instrumentos sociais que legitimam a estreita relação da heterossexualidade, em contraposição a rejeição de outras sexualidades, como a instância de poder que irá determinar a norma.

O gênero é a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser (BUTLER, 2010, p. 59).

O pensamento *queer*, portanto, irá, tendo em vista esse aprofundamento reflexivo, tomar um rumo mais radical e propriamente contra-normativo. Irá se voltar, nesse sentido, para uma disseminação de práticas de desordem do gênero, além de indicar uma posição contestatória e não conformada em relação às normas, de qualquer ordem (BUTLER, 2010). Entende-se, entretanto, que determinados pressupostos da norma germinam a partir de uma visão patriarcal, heterossexual e monogâmica disfarçada de “natural”. Essa teoria instigada pelo modo *queer*, portanto, aprofunda e problematiza o processo de constituição do poder por meio das normas de performatividade. A relação dessa teoria com o design se dá, como um primeiro ponto de contato, a partir das problematizações sobre as estruturas modernas de poder, materializadas por meio de práticas, olhares e discursos na produção

dos objetos postos como “extensão do corpo humano”, lema bastante reproduzido no campo do design.

3.2. A normatividade historiada no design

É a partir de uma revisão reflexiva do que fundamenta a história do design que se torna possível entender como a maior parte de suas práticas e discursos estão imbricados em uma lógica normativa da gestão dos saberes. Essa lógica é a mesma que dita os sistemas de vida, as classificações sociológicas e as respectivas normas de comportamentos que dominam os corpos (BUTLER, 2010 apud FOUCAULT, 1976). Tendo isso em vista, é a partir de pensadores que tensionam as epistemologias do design que se torna possível vislumbrar o panorama necessário para assimilar os pontos de ruptura que esta escrita propõe. Entretanto, antes de tal abordagem, é importante estabelecer uma revisão histórica e crítica de como o design se legitimou como campo alinhado à modernidade.

Segundo Adrian Forty (2007), o design nasceu em uma linha histórica capitalista e, conseqüentemente, foi protagonista em gerar riquezas na modernidade. Rafael Cardoso (2013, p. 16) complementa essa visão ao indicar que o “design nasceu com o firme propósito de pôr ordem na bagunça do mundo industrial”. Forty (2007) indica que o design já diferenciava produtos por categorias binárias de gênero desde o século XIX e a forma pela qual os produtos se divergiam materialmente já indicava como o design dava fortes formas do que era para “homem” e para “mulher”. A noção de “inovação em design” era percebida à medida em que as diferenciações entre os produtos eram uma possibilidade de ampliar as vendas, visando diferentes público-alvos. Esse cenário é relevante para colocar em evidência o que Cardoso (2013, p. 16) vai dizer que é uma “infância da sociedade de consumo”. É nesse contexto que os produtores, alinhados a outros profissionais criativos, irão moldar o gosto da população por meio dos mais diversos aparatos institucionais, como museus e escolas de ofícios específicos.

Segundo Cardoso (2013, p. 16), o ato de projetar e fabricar migraram para o centro de debates sociais. Os designers desse período seguiam uma espécie de lema de “adequação dos objetos ao seu propósito”, pouco tempo depois, em torno de 1930, já no período da Bauhaus, a frase popularizou-se como “a forma segue a função”. O campo do design, a partir desse cenário, tomava um rumo mais distante das práticas que exigiam um maior contato manual e artesanal, muito estimulado pela então necessidade de pensar atributos racionalizados para o fazer do campo (CARDOSO, 2008). Ao modo que é percebido hoje, o design é uma disciplina teórico-prática difundida mundialmente à medida que o processo de expansão do campo

o atribui como “universal”. Entretanto, existe um ponto de questionamento para o qual se indaga como um processo que tomou forma a partir do contexto de revolução industrial europeu, em uma vivência tão localizada, pode, nesse sentido, passar a fazer parte, em um modo único, de um mundo heterogêneo. É nesse sentido que se pergunta em até que nível essa noção burguesa, masculina, europeia e normatizante pode ter afetado, impedido e exterminado outras manifestações criativas que existiam para diferentes lugares e grupos. Percebe-se um desejo de problematizar o design à medida que ele é ensinado como um campo de métodos e atributos determinados (CARDOSO, 2008)

Paralelamente à essa linha de pensamento, o surgimento da atividade profissional de designer é um debate acalorado. A humanidade, em seus diferentes povos, sempre desenvolveu artefatos com funções. Sustenta-se, entretanto, que a profissão designer só passa a existir em um período específico, na expansão da modernidade, no momento em que a divisão do trabalho, em uma linha produtiva, passou a ser tomada como modelo (FORTY, 2007). Nesse sentido, Latour (2008) indica que o termo design vem ganhando novas atribuições e que a fixação do fazer não deve mais ser uma realidade imutável. Latour (2008, p. 7) pressiona a “velha dicotomia entre função e forma” a qual pode funcionar para pensar um martelo, mas no caso de um smartphone “onde seria traçada a linha entre a forma e a função?”. Estendo esse pensamento para tensionar as possíveis implicações criativas ao repensar o design a partir do *queer* - que é o jeito de agir e de ser que se faz presente em termos políticos e confrontativos à epistemologia moderna, modernizante e normativa do design - “O design pode ser *queerizado* - sempre no varejo, pontualmente, fragmentariamente e capilarmente - mas sempre na medida em que também pode *queerizar*.” (PORTINARI, 2017, p.4)

3.3. Resultados da formação da rede de designers dissidentes

Redirecionando o olhar para a concepção de uma rede de designers dissidentes, o desejo de expandir o contato com outros sujeitos é o que fomentou a concepção das oficinas. Com base nisso, o propósito de vincular a potência coletiva *queer* a um “laboratório” toma forma à medida que é compreendido o sentido experimental e improvisatório das práticas que se constituirão neste lugar. Portanto, para essa pesquisa, é relevante especificar que o termo “laboratório” se aproxima, enquanto sentido, de um local que possibilita a experimentação guiada de fazeres e trocas entre sujeitos dissidentes.

Pensar nos integrantes desse grupo enquanto agentes também fortalece o caráter de organismo coletivo engajado. É a partir dessa visão, tendo enfatizado o lugar político e crítico, que é possível perceber os integrantes do grupo

enquanto agentes *queer* que potencializam formas de subjetivação contra-normativas. À vista disso, esta prática de pesquisa é tramada conjuntamente de outros, “compreendendo que o aspecto político não deve ser visto apenas como bandeira, tema ou impacto social direto das práticas de design, mas interferir nas vísceras dos seus processos internos” (PORTINARI; NOGUEIRA, 2016, p. 33).

São, dessa maneira, nessas “vísceras de processo” que nós agimos, gerando tentativas de transformação, de problematização da normatividade e, sobretudo, de transbordar vida por meio da subjetivação. Esta tentativa de formar uma rede de designers dissidentes, nessa linha de pensamento, pode ser compreendida enquanto movimento coletivo que impulsiona modos de fazer alinhados à uma máxima subjetivação entre nossos corpos dissidentes com o intuito de se contrapor a uma estabilização no design. Por esse ângulo, as práticas instigadas atentam para a condição de gerar identificação, de fortalecer nossas conexões e de nos agenciar enquanto potência *queer* conjunta.

Como forma de estruturar o fazer foi pensado, inicialmente, em 3 momentos de encontro: “Aproximações”, “Proposições” e “Intervenção”. Os dois primeiros encontros foram voltados para reuniões internas entre os participantes e o terceiro como uma ação conjunta no espaço comum. Condicionamos essas etapas pensando (1) o momento inicial para primeiras impressões, trocas e conexões; (2) mapeamento de saberes, discussão e estruturação de ideias e (3) ação para tangibilizar os interesses.



FIGURA 1. A partir da definição dos encontros, foram pensadas estratégias de comunicação para convidar as pessoas. Cartazes com composição gráfica experimental e impressos em papéis coloridos foram colados por paredes e muros como uma prática interventiva própria. (fonte: dos autores)

Esse fazer interventivo distante das “boas práticas” e do bom design confronta o lugar da opressão e do insulto, pois reivindica identidades perseguidas, afinal, são convocadas identidades bicha, sapatão, travesti, trans e não-binárias. A distribuição desses cartazes se institui não só como dispositivo de caráter potencializador de discurso, mas também de chamada para a coletividade. Continham nesses impressos códigos QR que encaminharam para o grupo de Whatsapp no qual ingressaram 31 participantes. Tendo em vista a incipiência desse assunto nos espaços institucionais de design, as estratégias de comunicação adotadas foram um passo crucial para o início do desenho da rede.

A descrição desses processos se dá em forma de um texto de caráter fluído composto por diversas vivências, inclusive as dos pesquisadores que participavam das atividades. Dada a complexidade desses dados e o caráter aberto do projeto, a organização adotada foi de compartilhar e editar as percepções dos pesquisadores em campo, compondo um “diário de pesquisador”. As imagens e legendas contidas no memorial descritivo são dispositivos de apoio visual que materializam tanto diagramas relevantes quanto fotografias de atividades.

3.3.1 APROXIMAÇÕES

No primeiro encontro do Laboratório de Design *Queer*, a reunião de nossos corpos realizou-se em uma sala de aula desocupada no prédio que abriga o curso de Design da Universidade Federal do Ceará (UFC). Enquanto cada corpo presente se apresentava, era reforçado o interesse de fazer parte de um circuito direcionado a corpos invisibilizados em uma estrutura normatizante de design. Enquanto pesquisadores acadêmicos, entendemos que a junção de sujeitos dissidentes em gênero e sexualidade em um espaço público abre margem para retaliações, em específico, por um reflexo próprio da cisheteronormatividade sedimentada nas estruturas sociais em que estamos envolvidos. Entretanto, naquele momento, a potência de nossa união nos direcionava para uma trilha de prosperidade e de intensificação de nossas conexões. Não estávamos mais sozinhos.

Ao todo, foram reunidos 15 participantes para uma roda de conversa e atividade de colagem. A discussão toma forma à medida que é compreendido que as contribuições de criativos dissidentes sofrem apagamentos sistematizados pela própria história moderna do design. Essa linha de pensamento se soma à concepção de que o design caminhou, por muito tempo, para uma neutralidade em seu fazer, se distanciando de processos de subjetivação. Os sujeitos engajados na discussão, portanto, pontuaram o seu sentimento de não pertencimento.

"Me incomoda pensar um produto que nunca vai existir na casa de uma pessoa da minha realidade"	"Eles não entendem pra gente, que se sente la embaixo, como é se sentir representado no que fazemos"	"As vezes sinto que essas técnicas ensinadas são pra nos cansar"
"Criar espaços para gente habitar é importante para tirar a vontade de sair daqui"	"Os espaços de design na cidade também são comandados por corpos não semelhantes aos nossos"	"Me incomoda essa obsessão pela modernidade e pelo minimalismo"
"Não conseguir se ver nos autores [referências]"	"O design caminha para a neutralidade"	"Me incomoda ter que escolher só 2 fontes"
"Eu entendi que na história do design nossas referências foram apagadas"	"A pluralidade é esquecida no design"	

FIGURA 2. Quadro com transcrições relevantes durante o momento de oficina. A partir de perguntas norteadoras: "Como estamos nos sentindo?"; "Enquanto ensino de design, quais são as nossas percepções?" as discussões da roda de conversa iam tomando forma e os participantes se apresentavam favoráveis para compartilhar seus relatos de vivências enquanto designers LGBTQIA+ (fonte: dos autores)

A partir dos discursos potencializadores relatados pelos participantes do grupo, foi possível estabelecer uma ponte com o pensamento de Costanza-Chock (2020) para problematizar a prática de "tokenizar" narrativas de vidas e corpos não-conformativos. Premissas que reforçam o lugar estigmatizado da vida a fim de gerar superficialmente uma identificação com mulheres, corpos não-brancos e pessoas dissidentes, potencializando a lucratividade. Enquanto grupo que prioriza instituir as condições necessárias para favorecer bem-estar e manifestação de vida, nosso objetivo é se distanciar das práticas normatizantes e estimular a sustentabilidade pela troca e afeto. Sentimos conjuntamente que vivemos um processo que busca denunciar, por meio de expansivas formas, as estruturas normatizantes que perseguem e marcam negativamente nossas identidades.

Redirecionando o foco para a oficina, logo adiante, uma participante toma a liberdade para destacar uma citação de Jota Mombaça, a partir de seu livro *Não Vão nos Matar Agora* (2021):

Então se pensada como estilhaçamento, como é possível insinuar na quebra um qualquer modo de estar junto? Se a quebra rompe com um sentido de integridade, como então pode precipitar a reunião de forças, entidades e existências? Se ela é o evento do desmantelamento, após o qual um corpo já não pode ser lido como um corpo próprio, que política da afinidade pode ser engendrada aí, apesar e através da quebra? (Ibidem, p.18)

Em um segundo momento da oficina, cada criativo pôde desenvolver, de forma livre e colaborativa, uma colagem-narrativa a partir de imagens impressas. A prática buscou possibilitar um processo de subjetivação a partir da interpretação, organização e composição imagética. Jake Minden em *Cutting Out: Queer Assemblages for Alternative Design Futures* (2021) ressalta a importância de *queerizar* métodos de colagem e passa a perceber a “colagem” enquanto verbo, enquanto ferramenta ativa de problematização e desconstrução. De também assimilar a colagem alinhada a uma prática *queer* através de composição onde uma dicotomia de geração-desconstrução reside. Restabelecendo o olhar para a prática do grupo, foram constituídas estratégias para possibilitar uma produção visual, buscando encontrar um lugar de não-normalização. Expandimos a concepção de uma oficina de colagem para também, buscando uma máxima subjetiva, agregar a esse fazer os processos de discussão, debate e geração de sentido.



FIGURA 3. Resultados visuais do experimento de colagem-narrativa. Como parte do exercício, foi solicitado que as imagens construídas fossem narradas a partir de termos. Os meios apontados para compor as narrativas foram variados, porém se destacam aqui: impacto e desconforto; ambientes higienizados em contraposição a elementos que incomodam; destruição ao corpo, destruição de memória; narrativa auto-identitária; não pertencimento; hostilidade; estilhaçamento de corpos; observação de corpos; segregação; corpos que não fazem parte. (fonte: dos autores)

É possível perceber de forma evidente o exercício de colagem e construção de narrativa se relacionando com a discussão da roda de conversa. Visualizamos, a partir dessas tentativas de transviar práticas em design, a subjetivação sendo potencializada. É comum aos participantes as tentativas de comunicar, de forma expandida, esse processo que nos atravessa enquanto sujeitos e identidades dissidentes. Por fim, enxergamos que as práticas instigadas e os saberes sensibilizados foram substancialmente importantes para nos reconhecermos enquanto

grupo e força criativa compartilhada. A intenção do pesquisador foi de constituir esse lugar favorável para a troca entre os sujeitos, fomentar a experiência coletiva enquanto forma de subjetivação e agenciamento *queer*.

3.3.2 PROPOSIÇÕES E TENTATIVAS DE INTERVENÇÃO

O intuito do encontro foi de revelar as potencialidades criativas do grupo e reconhecer coletivamente o fazer político *queer*. A intenção, primordialmente, foi conversar abertamente com os participantes sobre a possibilidade de intervir no espaço e de como isso se configura como uma prática contra-normativa. O encontro teve como objetivo pensar e criar as condições necessárias para realizar uma intervenção no espaço comum. No primeiro momento, houve uma sessão de projeções de vídeos e imagens para instigar a visualidade entre práticas *queer* e design. Foram apresentadas imagens que tecem pontes entre a arte e o pensamento político, que envolvem a experimentação e demais registros de performance.

Como primeira ação de projeção, foi exibido a produção audiovisual Pegadas Invisíveis de um corpo pesado de Luan Okun (2020). Esse registro foi selecionado pois o olhar do artista potencializa o corpo e a vivência enquanto fazer artístico. A forma de experimentar visualidade com registros do corpo em vídeo, modelagem 3D de figuras não-humanas e produção de ruído sonoro, combinados, conduzem para esse entre-lugar político, sensível e experimental que parte do corpo dissidente. Posteriormente foi projetado Cadelinha Soviética Narra Viagem Espacial de Travesti Brasileira de Isadora Ravena (2020). O olhar da artista instiga a noção de corpo e performance na cidade, estabelecendo uma relação entre o registro, por meio de vídeo, de um fazer artístico interventivo, pois, nesta performance as duas protagonistas da narrativa desbravam o campo - nas ruas da cidade - enquanto “criaturas” que habitam a paisagem urbana. Dentro desse pensamento que envolve corpo, intervenção e cidade, por último, foi apresentado o trabalho de Me vejam de longe - Outdoor travesti de Sy Gomes (2020). O projeto se sustenta em 5 outdoors posicionados de forma estratégica na cidade de Fortaleza, os quais buscam alertar para o número de pessoas trans assassinadas anualmente no Brasil. Reconhecemos essas obras expostas enquanto formas de atravessar o olhar do grupo. Tentativas de interdisciplinar a concepção de *queer* pela projeção de imagem e som que se relacionam com a poesia, intervenção e performance. Os 9 participantes daquele dia assistiram as projeções com a atenção focada, atravessados por esse fazer *queer* da arte.

Dando prosseguimento à oficina, após as projeções, pensamos em investigar os saberes do grupo por meio de um mapeamento coletivo. Essa prática é percebida enquanto fortalecedora da rede justamente pela possibilidade de fazer com que os integrantes se aproximem e conheçam os fazeres criativos uns dos outros.

Observamos esse mapeamento como um norte, lançando o olhar para possíveis desdobramentos de práticas, nas quais futuramente o grupo possa intensificar a partir de suas trocas. Essa oficina se enquadra enquanto momento inicial de uma organização e discussão de possibilidades sobre os nossos fazeres, visando uma ação mais concreta no futuro. A intenção foi potencializar, por meio da experiência coletiva, a percepção de pluralidade que envolve as habilidades dos corpos ali presentes.

Tendo em vista a pretensão de um terceiro momento ainda não realizado, com foco em experimentação interventiva, o grupo se encontra em estado de germinação. A busca por formas de tangibilizar agenciamento *queer* para atravessar outros corpos, nesse sentido, ainda é aberta e desejada. Tendo isso em vista, a sensação que permanece é de que ainda vemos um caminho a ser perseguido para pensar uma ação coletiva e interventiva. Reforçamos a importância da intervenção, sobretudo, como uma forma potente de expandir os processos pensados pelo grupo, buscando alcançar, nesse sentido, um patamar de ação *queer* que dissemina não só ideias de confrontação à norma em espaços institucionalizados de design, mas que também gera, por meio do design, dispositivos que permitem a expansão e consolidação de uma rede de designers *queer*.

4. Conclusão

A discussão e as oficinas descritas não são uma conclusão concreta da tentativa de formar uma rede-design-dissidência, busca-se encerrar esta escrita em um desejo de expansão das estratégias contra-normativas experimentadas. Este processo aberto - não estático - possibilitou um mergulho para as questões que envolvem um design possivelmente *queerizado*. Paralelamente, a partir do referencial teórico abordado, as oficinas para *queer designers* tiveram o papel de buscar formas de tangibilizar e se somar às discussões críticas instigadas.

Buscou-se nas reflexões geradas pelo relato das oficinas, cumprir com os objetivos de gerar identificação, fortalecer conexões entre designers dissidentes, elaborar vivências colaborativas a fim de contribuir com uma crítica ao design e a normatividade e, sobretudo, fortalecer um olhar *queer* a partir do design. Este processo também teceu argumentos críticos às questões de binarismos de gênero no design, à conformação do campo ao impulso industrial, à relação entre o design da “forma e função” e o design universal e, consequentemente, às questões de poder que envolvem este campo.

O desenrolar da escrita também objetivou compreender sobre a politização do campo, da sensibilização por meio da subjetivação, da construção de processos horizontais e colaborativos, do estímulo a uma pluriversalidade

no design e, conseqüentemente, da aproximação entre design e pensamento *queer*. Para além disso, enquanto tentativa de delimitar práticas *queer* e contra-normativas, a escrita empenhou-se em tensionar o campo, por meio do pensamento metodológico instigado pelo *Design Anthropology*, a alcançar um patamar prático interdisciplinar e desestabilizante em seu processo. Assim, esperamos possibilitar, nesse sentido, um entendimento próprio sobre o campo a partir de uma máxima subjetiva que se origina na experiência e vivência coletiva entre designers não conformativos em gênero e sexualidade.

Por fim, tendo em vista as fissuras causadas pelas tentativas de ações críticas ao design, se intencionou germinar, a partir das aberturas expostas, potencialidades de inventar processos próprios. Buscou-se, pela abordagem intensa da subjetivação, fortalecer a conexão entre sujeitos que alinham seu fazer pelo caráter dissidente, problematizador e político de suas práticas.

Referências

ALTMAYER, Guilherme; VERAS, Leno. **Design é coisa de veado:** estratégias para o desenho de uma plataforma digital para memórias sexo e gênero dissidentes. *Estudos em Design*, v. 29, n. 3, 2021.

ANASTASSAKIS, Zoy. **Laboratório de Design e Antropologia:** preâmbulos teóricos e práticos. *Arcos Design*, v. 7, n. 1, p. 178-193, 2013.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero:** Feminismo e subversão de identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

CARDOSO, Rafael. **Design Design para um mundo complexo.** São Paulo: Cosac Naify, 2013.

CARDOSO, Rafael. **Uma Introdução à História do Design.** 3ed. São Paulo: Editora Blucher, 2008.

COSTANZA-CHOCK, Sasha. **Design justice:** Community-led practices to build the worlds we need. The MIT Press, 2020.

COSTARD, Mariana; IBARRA, Maria Cristina; ANASTASSAKIS, Zoy. **Design Anthropology na transformação colaborativa de espaços públicos.** *Estudos em Design*, v. 24, n. 3, 2016.

FORTY, Adrian. **Objetos de desejo.** São Paulo: Cosac Naify, 2007.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: A vontade de saber**. 13 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

GOMES, Sy. **Me vejam de longe** - Outdoor travesti. 2020. Disponível em: <https://www.opovo.com.br/vidaarte/2020/12/08/artista-cearense-distribui-outdoors-em-fortaleza-questionando-a-memoria-travesti.html>. Acesso em: 20 nov. 2022

LATOUR, Bruno. **Um prometeu cauteloso?:** alguns passos rumo a uma filosofia do design (com especial atenção a Peter Sloterdijk). *Agitprop*: revista brasileira de design, São Paulo, v. 6, n. 58, jul./ago. 2014.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria *queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MINDEN, Jake. **Cutting Out: Queer Assemblages for Alternative Design Futures**. Tese de Doutorado. University of Washington. 2021.

MISKOLCI, Richard Escudeiro. **Teoria Queer**: um aprendizado pelas diferenças. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

MOMBAÇA, Jota. **Não vão nos matar agora**. Editora Cobogó, 2021.

OKUN, Luan. **Pegadas Invisíveis de um corpo pesado**. 2020. Disponível em: https://vimeo.com/483792447?embedded=true&source=vimeo_logo&owner=123073384. Acesso em: 1 dez. 2022.

PORTINARI, Denise. **Queerizar o design**. Revista Arcos Design, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 1 - 19, Outubro 2017.

PORTINARI, Denise; NOGUEIRA, Pedro Caetano Eboli. **Por um design político**. Estudos em Design Revista (online). Rio de Janeiro: v. 24, n. 3, p. 32 - 46, 2016.

RAVENA, Isadora. **Cadelinha Soviética Narra Viagem Espacial de Travesti Brasileira**. 2020. Disponível em: https://vimeo.com/463259710?embedded=true&source=vimeo_logo&owner=123073384. Acesso em: 1 dez. 2022.

Como referenciar

CUNHA, Aura Celeste Santana. BORGES, Lucas Mota. *Queer Designers: Experimentações não-conformativas na geração de uma rede dissidente*. **Arcos Design**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, pp. 60-78, jan./2024. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/arcosdesign>.

DOI: <https://www.doi.org/10.12957/arcosdesign.2024.78885>



A revista **Arcos Design** está licenciada sob uma licença Creative Commons Atribuição – Não Comercial – Compartilha Igual 3.0 Não Adaptada.

Recebido em 31/08/2023 | Aceito em 16/11/2023